

Valter Hugo Mãe

Homens imprudentemente
poéticos





Itaro, o artesão

Quando Itaro caçou o besouro e o golpeou, até que o seu corpo mínimo restasse apenas mancha na madeira do chão, era mais do que o besouro que queria matar. Itaro queria matar uma ideia.

Demorava, depois, a observar a cor ténue do bicho desfeito, ponderando artes de adivinhação para cuidar de um futuro qualquer. O artesão considerava as cores imiscuídas nas rugas da madeira e mantinha-se aflito. Recusava-se a falar. Esperava. Embora nada se movesse, aguardava ainda a visão completa do que queria saber, como se o bicho morto fosse uma mensagem aberta que haveria de permitir ler-se na limpidez do ar.

A criada Kame juntava-se à menina Matsu para se impedir de incomodar. O artesão andava há tempos agravando, feito de fúrias constantes, anunciando piores e apressando o trabalho. Dormia menos, comia engasgado, esquecia palavras, abria feridas.

Subitamente, o homem inclinou-se vertendo a cabeça ao chão e chorou. As duas mulheres apertaram-se. O que ele houvesse sabido era para os entristecer a todos. A criada Kame já se desenganara. A coincidir com as estranhas visões de Itaro, esfriavam-lhe os cotovelos. Dois pedaços de

gelo se metiam nos ossos a avisar do susto. Ficava onomatopeica. Magoada. A cega Matsu perguntava: o que é. O que é. A outra queria sossegá-la, afagando-lhe atabalhoadamente os cabelos.

O artesão descobria notícias do futuro havia muito, usando absurdamente o exacto instante da morte dos bichos. Teria sido um peixe que caçara com o pai, ainda criança, que pela primeira vez se expôs diante dos seus olhos estupefactos. Passada a tarde em afazeres e andanças, chegados a casa ainda o peixe resfolegava numa lenta agonia. E o rapaz pediu licença para o arranjar, vira muitas vezes o golpe inicial, o ritual educado da mãe e da criada, pelo que sabia bem transformar a sua pescaria na refeição grata da família. Serviu-se da lâmina e assim o fez. Atentou na quietude do animal, depois do corte, estendido como morte generosa, uma morte de comer. Pensou. E a pensar assim se lhe turvaram os olhos, como julgou inicialmente que fosse pela claridade. Pestanejou, desviou-se da luz, voltou a encarar o peixe aberto e repensou: uma morte de comer. No inexplicável da consciência lhe foi deixada a notícia de que iria ter uma irmã. Sem ver, pensava assim. Sem ver. Compreenderia mais tarde que o peixe lhe especificara que Matsu nasceria cega.

Dessa primeira vez já a senhora Kame se manifestara. Sem saber o que lhe dava, explicara que era um frio a distribuir-se pelos ossos. Nos meus ossos é a noite de inverno. Dizia e esfregava os cotovelos a fazer o calor possível. Enquanto Itaro pasmava para o interior de si mesmo, os seus pais admitiam que a criada fora percorrida por um espírito solto. Calavam-se

para respeitar a hipótese de alguma decisão divina os auscultar. Queimavam incenso a prestigiar os antepassados e o ânimo do mundo, simbolizavam com austera dignidade as oferendas no pequeno altar, aligeiravam palavras e sorriam por graça. O Japão era uma ordem generosa. Respeitavam-na. A senhora Kame também se dividia entre ficar doente dos ossos ou visitada pelo sopro da inteligência universal. Por esse motivo, procurava explicar o que sentia sem parecer queixar-se. Era como definir uma dor por gratidão. Pressentia que deveria agradecer e acarinhar aquele peculiar medo. O medo era também uma presciência.

Mas nem sempre a morte dos bichos se expunha ao arte-são como anúncio do futuro. Por vezes, eram apenas corpos debitados no movimento da vida. Coisas acabadas em surpresa mas destituídas de conteúdo, sem préstimo senão para a fome dos outros ou para o estrume da terra.

Em crise, Itaro haveria de abrir insectos como quem seguia por um caminho a fazer perguntas aos que passavam. Matava para perguntar. Já o pai o alertara para a incúria de sucumbir a uma curiosidade ao invés de obedecer apenas à fome. Dizia-lhe que eles mesmos, mortos, se tornariam revelações profundas, absolutas aos seus próprios espíritos, e talvez a euforia com a leitura da morte o levasse ao suicídio. Itaro respondia que mantinha a bênção da sensatez e sempre se desculpava. Peça perdão, meu pai. Mas o pai mantinha uma zanga nos olhos para gerir a moral deslumbrada do filho.

Nesse primeiro dia, Itaro perguntou: é verdade que vou ter uma irmã. O homem respondeu: faremos pedidos para que

seja um menino. Assim lhe confirmou a alegria de esperarem um segundo filho. Itaro alegrou-se também.

Ponderaria para sempre, de todo o modo, acerca do que noticiaria o seu corpo morto. Se houvesse de se matar, que adivinhação guardaria o seu corpo ao espanto do espírito atirado à liberdade. Perguntava-se.

Ergueu a cabeça, limpou as lágrimas e mandou que regresassem à normalidade. A criada hesitou perguntar o que lhe fora revelado, apenas disse: senhor. E o artesão confirmou que estaria para chegar o velho sábio. Mas valia nada enquanto visão. A pequena comunidade fora avisada com formalidades importantes de que a casa nova, tão ali ao pé, haveria de ocupar-se por um grande homem, um velho que seria como ouro humano para o centro das fraquezas morais daquelas pobres gentes. A criada Kame respondeu: obrigada. E sabia, pela noite de inverno nos ossos, que a morte do besouro contara ao patrão algo muito mais terrível do que a presença já prometida de um homem perfeito entre os fracos aldeões.

Varreu da madeira o pó a sobrar do besouro. A senhora Kame, solene, escondia o gesto de Itaro para que nada nas evidências se prolongasse pela morte. A vassoura era-lhe do corpo. Inquieta, passaria o tempo a varrer em redor da casa, igual a querer ordenar o granulado infinito da própria terra. Acalmava com o gasto físico. O medo era-lhe uma energia que precisava de despender. A criada, sem visões, media apenas o tamanho do azar. Sabia que viria um azar grande. Talvez o maior de todos. O pior. Circundava a casa repetidamente e fazia contas. O desespero de Itaro era sempre maior quando

o destino da irmã perigava. A pequena e desprotegida Matsu, pensava a criada Kame, era uma criatura de pura beleza abandonada no escuro. Passava os dias gritando: musumé, onde estás. E a menina cega respondia: no teu coração. E a criada insistia: e mais onde. E a menina cega respondia: aqui, junto à pedra. Que era o mesmo que dizer que estava em preces. Estava sempre em preces, porque era o mais corajoso que tinha para fazer. A criada, como Itaro, sabia que Matsu explicava aos deuses a vida na mais terna honestidade. De qualquer maneira, a jovem cega honrava a sua família e toda a piedade que auferiam havia de ser sobretudo por graça dela.

Ajoelhada no humilde altar, a cega passava entre dedos os grãos de sal. Acariciava o sal. Julgavam os outros que lhe vigiava a segura e a adequação à missão de oferenda, mas a menina imaginava sobretudo que sossegava o corpo do mundo.



A lenda do oleiro Saburo e da senhora Fuyu

O oleiro começara a cuidar de flores na orla da montanha havia muito. Uns cem passos de jardim sob as copas das primeiras árvores, um alarido de cores e perfumes que contrastava com o rude que as coisas selvagens podiam ser. Acusado de se esperarçar por belezas de que a natureza prescindira, Saburo trabalhava à vista da sua esposa, a senhora Fuyu, que sempre se oferecia para ajudar sem que ele aceitasse. O jardim na floresta era uma renda colorida na franja subindo da montanha. No pé da montanha, junto ao caminho, abria a planície, onde imediato se punham as casas e se lavravam os campos. Viviam diante do sagrado labirinto selvagem, a imensa elevação que os sobrevoava espiando, atenta certamente às iniquidades comuns e à pobreza dos homens.

Por três vezes o vizinho Itaro lhe dissera que um animal esfaimado haveria de baixar a montanha para lhe matar a mulher. Saburo, justificado pelo amor, magoou-se longamente e quis saber de que modo poderia demover tal fera de lhe trazer tão impossível dor. O vizinho, talvez por pouca definição das suas premonições, talvez incauto, o aconselhou a mudar a natureza. Queria certamente aludir à utopia de o conseguir, mas a Saburo pareceu-lhe assim, que se destituísse a floresta do seu cariz selvagem amansariam as

bestas, ganhariam coração, seriam um pouco domésticas, como alguns pássaros que se habituavam a amizades com as gentes. Saburo pensou.

Por todo o tamanho que pudesse, haveria de fazer da floresta um jardim sensível que, à passagem de qualquer bicho zangado, funcionaria como escola de modos, uma lição de ternura e respeito que ensinaria a todas as fomes a importância de respeitar a vida das pessoas. Os bichos aprenderiam a piedade pela ostentação esplendorosa e esperançada da beleza.

Nunca o dissera à senhora Fuyu, que sentira por intuição um gesto de amor em cada pé de flor. O oleiro haveria de a proteger até da tristeza de conhecer que ameaça pendia sobre a sua cabeça. Queria que ela fosse tão propensa ao sorriso quanto o pudesse ser. Haviam avelhado sem filhos. A pequena comunidade tinha-lhes compaixão e notava bem que se deixavam nos amores igual a serem crianças a vida inteira. Eram pouco normais, diziam assim. Faltavam à lucidez por solidão. Saburo alegrava-se julgando que o esforço sensibilizaria também o espírito divino. O tempo passava e a sorte continuava. Era um sinal de que o destino se compadecia com o plano bonito de mudar absurdamente as maneiras do mundo. Dizia: ando a curar o destino. Acreditava que o mérito convencia os deuses, como se os pudesse também educar.

A extensão tremenda do jardim, dentro por ali acima das árvores, cansava o oleiro, que se dividia entre os afazeres do costume e a obstinada intenção de progredir montanha

inteira à medida das suas forças. Nem seria no tempo de três vidas que conseguiria ter apenas flores na gigante obra selvagem. Uma obra gigante do Japão era absoluta demasia para a ternura de um só homem. Saburo atarantava-se mas seria sempre mínimo entre tanta exuberância, um bocado de vida que o Japão poderia legitimamente ignorar. O oleiro e a sua esposa, com tanto sonho e tanto empenho, eram um bocado de vida que o Japão haveria de ignorar.

Se mantivesse o jardim por cem passos de fundo e quase duzentos de comprido, continuaria a ver a admiração de quem por ali ia, embora os aldeões comentassem a difícil aceitação de uma reprimenda daquelas feita à natureza. O oleiro reprimia a natureza. Grotesca e sábia das suas próprias fealdades e belezas, obrigar a floresta à gentileza de um jardim era ofensivo. Encolhiam os ombros. Viam Saburo com a sua cândida esposa, corria a notícia de que fora Itaro quem lhe encomendara o ingrato ofício, os aldeões punham-se de gosto com as flores, eram o sangue ondulante do oleiro. Padecia daquela beleza. Pensavam assim. Que tudo quanto consolava as pessoas era trabalho e um esforço terrível. Consolavam-se então, talvez igualmente ofendendo a floresta, talvez igualmente na mira da fúria de cada deus.

Com todos os medos, sem maior explicação, em algumas noites o oleiro acendia incensos por entre as flores. Caminhava fumegando naquela escuridão, a fazer orações em voz muito baixa, carregando uma lanterna cuidadosamente, que lhe pendia da mão como pequeno sol individual, quase íntimo. Movia-se no jardim que se imiscuía no arvoredo, subia

e descia igual a cantar canções de embalar às flores, que eram só isso, quietas na verticalidade dos pés, erguidas sem oferecer mais nada além da delicadeza das evidências. Saburo desaparecia entre o emaranhado e a senhora Fuyu, à porta da casa, deixava de o ver, amedrontada, ansiosa, suplicando aos mortos para que o cuidassem, para que o ajuizassem, para que lho trouxessem rápido e saudável nem que por consideração a um resto de virtude.

Saburo ia e voltava. Igual na esperança. Tonto na esperança. E outra vez questionava o vizinho artesão, a saber se os bichos que matava lhe anunciavam novas prudências e cautelas. Mas Itaro negava. Explicava sempre que a visão da morte da senhora Fuyu era uma intromissão, uma espécie de interferência nos seus assuntos pessoais. Nunca entenderia porque haveria de receber aquelas mensagens. E apenas as entregara por superstição. Talvez fosse melhor informar o oleiro, dizia, para que o destino do oleiro se abstivesse de lhe ficar em mãos. Itaro, torpe, desprezava Saburo e a sua fragilidade amorosa, por a considerar um sentimento tão desadequado à miséria em que viviam.

Uma noite, escutando um sopro fundo, pressentindo muito tenebroso bafo, o oleiro despertou e logo tomou o sabre velho com que mataria. Levantou-se, assegurou-se do sono da mulher, calma nos sonhos com que se entretinha por costume, e saiu. Acendeu a lanterna e perscrutou em redor. Havia nada. Estava uma noite vazia, considerava assim, sem ninguém. O luar acendia o mundo. Viam-se as sombras, mais do que as coisas. O luar era para as sombras. E o oleiro

catava pormenores na pouca luz, para se inteirar do sossego. E tudo sossegava. Talvez houvesse escutado por cisma. Por tanto o esperar, ainda que esperasse também a mudança do destino, ouvia bichos zangados aqui e ali. Inventava-os com o medo. Sentou-se e ponderou no medo como fértil. Depois, tomou o incenso e o queimou à porta de casa. Numa prece breve se convenceu de que estaria tudo bem e poderia voltar para junto da senhora Fuyu, longa nos sonhos. Para felicidade de Saburo, a senhora Fuyu estaria longa nos sonhos. Assim, entrou.

A casa exalava, como se algo imaterial lhe fizesse falta. Algo que lhe era intrínseco e de que o lugar se desprovia subitamente.

Nunca entenderia como poderia haver acontecido de o animal estar dentro de casa. Quando buscou noite fora o bulício de algum ser esfaimado, nunca poderia conceber que se ausentara de onde se pusera o animal. Ao sair, julgando caçar o bicho, em verdade abandonara a mulher. O bicho estava dentro de casa. A porta fechada, as madeiras ajustadas sem permitirem a passagem de mais do que uma agulha de pinheiro. No entanto, quando Saburo saiu e cuidadosamente correu de fechada a porta, o inimigo estava fungando sobre o corpo de sua mulher. O assassino que se materializara sem lógica nem compaixão. A senhora Fuyu sobrava. O oleiro a abraçou por sobra e chorou. Depois, pôs-se em gritos que foram trazendo alguns vizinhos e propagando o aviso de que andava um bicho nas casas, era preciso fazer fogo, manter o fogo, proteger imediatamente as pessoas.

Acabou-se com a noite.

Os aldeões atarefaram-se na sobrevivência e na ajuda. Andavam em susto e ao ataque. Se o bicho se demorasse ainda por ali, o matariam para que nunca mais comesse daquelas pessoas.

O oleiro falhara. Agraciado três vezes com a adivinha de Itaro, nem assim se melhorara ao ponto de salvar a esposa. E as pessoas lhe diziam o que ele mesmo lhes contara, que o animal assomara ao interior da casa como fumo. Era um espírito, uma assombração. Mordera a senhora Fuyu com o mando do destino. Se fora de outro modo, o fumo nunca abriria o corpo de ninguém. Era decisão do espírito divino, havia que ser respeitada. A senhora Fuyu teria a celebração que lhe competia, Saburo deveria apaziguar-se com os deuses. Era uma decisão. O oleiro tinha de a aceitar. Era claramente uma decisão.

Uns dias mais tarde, ainda incapaz de se dirigir às flores, o oleiro pendurou o quimono da mulher no espantalho do seu quintal. Espantava ali a imitar-lhe a companhia.

Dizia: imita ver os pássaros.

Os vizinhos entristeceram-se, mas entendiam que muito na cabeça do oleiro era de menino. O seu amor imaturo prosseguia. A morte era muito pouco para terminar um sentimento tão grande. Algumas pessoas assustavam-se pela veste movida lentamente ao ar. Com o passar do tempo, ganhavam também ternura e lembravam a senhora Fuyu pela graça da sua cordialidade. A terra do oleiro parecia observada para sempre pela mulher. Era uma mulher abundante. Restava.

O oleiro voltou às flores. Dizia: são uma escola. Ensinarão lentamente até os bichos mais casmurros e antigos, os que já só pertencem ao lado da morte. Queria dizer, os de fumo. Aqueles que talvez chegassem sem descer a floresta. Aqueles que se consumavam por dentro do destino de cada um, certamente admitidos ou convidados pela incúria moral ou pela ignorância. Bichos que vinham do próprio sangue.

Voltou às flores e mesmo às noites. Quando levava as preces e o incenso, acordado indefinidamente pelo desnível da encosta, luzindo apenas um pouco na solidão.

Saburo pensava que, se o jardim fosse maior, seria imperdível até aos olhos dos deuses. E os deuses o amariam e, se o amassem, lhe devolveriam a senhora Fuyu ou, ao menos, a fariam feliz até que ele se lhe juntasse.

Ajardinava calado, delicado como sempre, sem confessar que pedia aos mortos que lhe mandassem a mulher. Apenas sabia fazer isso, pedir que lhe devolvessem a irrepetível senhora Fuyu. Em cada gesto, continha essa súplica simples e sincera.

Nunca se ouvira de um amor que ressuscitasse. Mas as melhores lendas contavam de heróis que nunca desistiam. Saburo era assim. Recusava desistir.